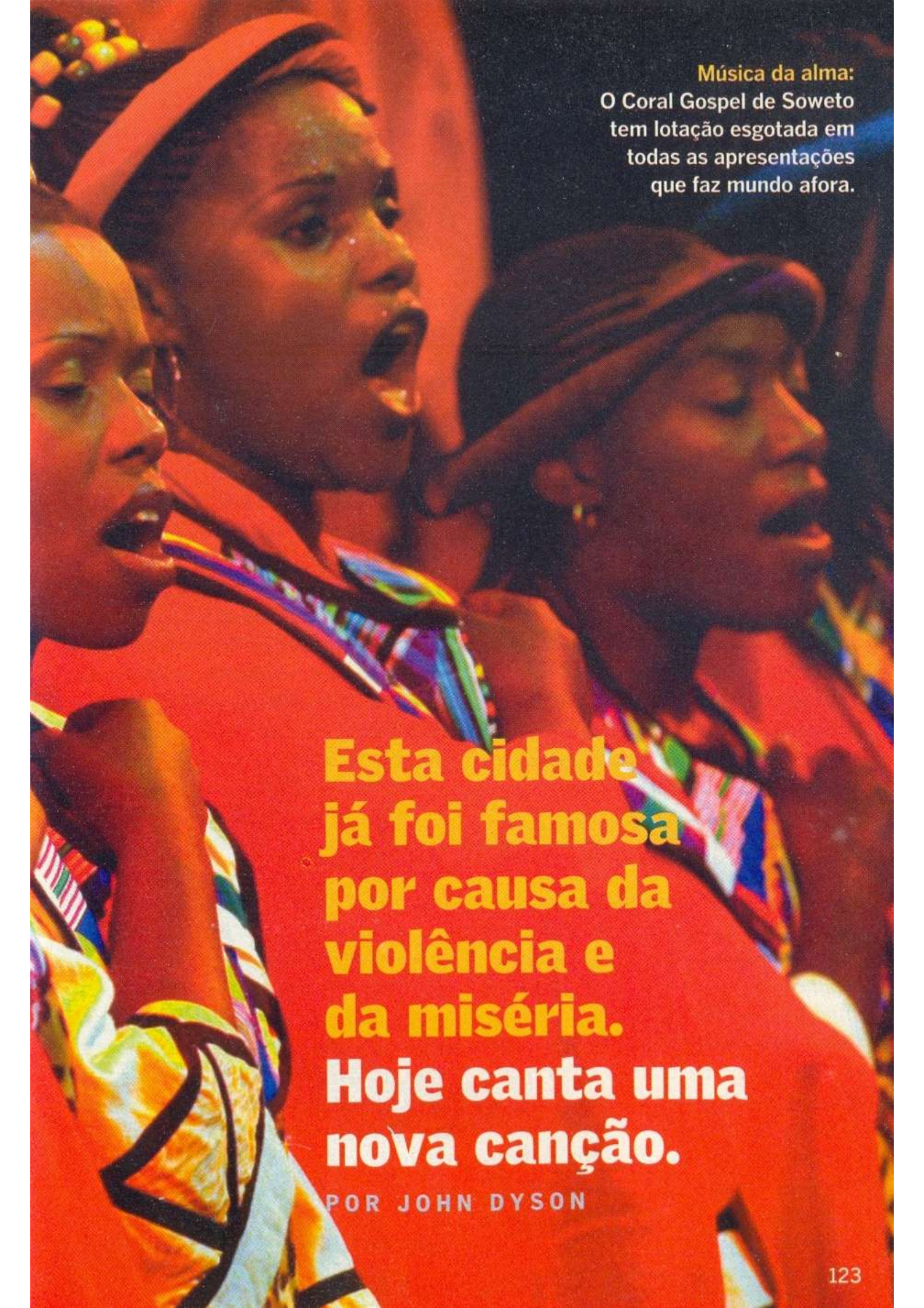


O doce

som de

Soweto



Música da alma:
O Coral Gospel de Soweto
tem lotação esgotada em
todas as apresentações
que faz mundo afora.

**Esta cidade
já foi famosa
por causa da
violência e
da miséria.
Hoje canta uma
nova canção.**

POR JOHN DYSON



O MICROÔNIBUS lotado deu uma guinada na minha frente. Pisei no freio e olhei atravessado para o motorista negro. Ele encolheu os ombros zombeteiramente, pois não é todo dia que pode dar

uma fechada num carro dirigido por um homem branco em Soweto. Depois, com os dedos imitando uma pistola, se debruçou pela janela e apontou para minha cabeça. Meu coração quase parou. Soweto já foi famosa por sua violência, e por um momento pensei que seria a próxima vítima. Mas o motorista só disparou um sorriso radiante.

– Ainda não morreu? – brincou.

– Estou tentando – retruquei.

Ele estendeu o braço, apontando orgulhosamente a fileira de casas tipo caixas de fósforos e cabanas de posseiros que assavam sob o abrasador sol sul-africano, e garantiu:

– Aqui você está seguro. – E, enquanto nos afastávamos, gritou: – Sinta a vibração!

Essa poderia ser uma história diferente pouco mais de uma década atrás, quando centenas de moradores de Soweto recebiam “colares” de pneus em chamas ou eram assassinados por bandidos pagos pelo Estado nos trens que os levavam para o trabalho. Por quase 20 anos, Soweto foi um dos piores endereços do planeta.

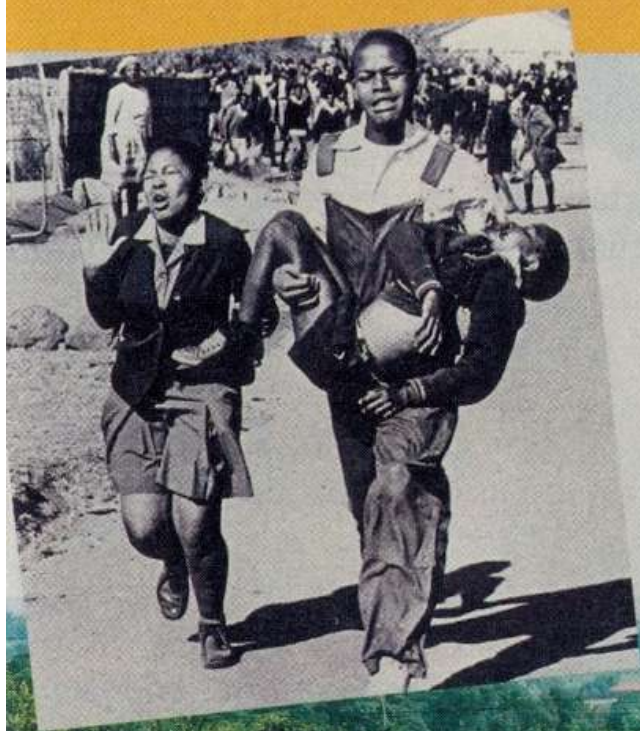
Mas, daquela amarga luta pela libertação da opressão e do racismo, está surgindo rapidamente uma nova Soweto.

Lembrando o intrincado artesanato étnico da África, as 11 tribos distintas da África do Sul, cada qual com o próprio idioma, parecem mais um mosaico do que uma mistura de raças. Aqui, posso encontrar todas as cores da nação arco-íris sentadas em torno de *boom-boxes* – potentes aparelhos de som portáteis – em uma rua, até mesmo em um quintal. Em vez de assaltado ou seqüestrado, fui arrebatado por uma onda de otimismo e uma música ensurdecadora.

Os 22 distritos de Soweto –

acrônimo de “South West Townships” – estendem-se por morros baixos e sem vegetação de ambos os lados de um rio pantanoso 15 quilômetros fora de Johannesburgo. Seus estimados 1,3 milhão de residentes vivem principalmente em casas idênticas, que lembram caixas de fósforos, enquanto outros milhares lutam para sobreviver em cabanas caindo aos pedaços e em enormes acampamentos de posseiros.

Soweto foi criada no lugar de uma fazenda irrigada por esgoto com a finalidade de ser um “supergueto” para trabalhadores, empregados e mineiros negros expulsos da cidade. As casas não tinham eletricidade, água ou saneamento. Alojamentos abrigavam milhares de homens em condições aterradoras. A fumaça do fogo de carvão e da queima do lixo fazia espirais ao longo das estradas de terra, poeirentas no verão, enlameadas no inverno. Como ônibus ou táxis não eram permitidos, os trabalhadores iam



A paisagem de Soweto é dominada por antigas torres de refrigeração de uma usina. De volta a 1976: o estudante Hector Pieterse foi baleado pela polícia (no detalhe).

para Johannesburg em trens tão lotados que muitos viajavam no teto. Doenças e mortes eram comuns. Negros não podiam fazer trabalhos qualificados, aprender uma profissão, ir para a faculdade ou administrar o próprio negócio. Mesmo um galinheiro no quintal era proibido para a maioria. Era necessário um passe de autorização por escrito da polícia para todas as atividades, inclusive viajar para o trabalho; sem isso você acabava na prisão por semanas.

Mas em 1976 a “tampa” explodiu. Alunos do ensino médio marcharam para protestar contra um novo de-

creto segundo o qual eles deveriam ter aulas metade do tempo em inglês e metade em africâner. Depois de soltar cães e lançar gás lacrimogêneo, a polícia atirou na multidão. Muitas crianças morreram, a maioria atingida nas costas. Dois oficiais brancos foram arrastados de seus carros pela multidão e surrados até a morte. Prédios e veículos foram queimados.

Soweto virou uma alcunha para terror urbano, mas a luta dos negros foi lentamente ganha.

As abomináveis leis de passes de autorização foram suspensas em 1986, e posteriormente as organizações políticas negras tiveram sua proibição suspensa. Nelson Mandela voltou para casa em Soweto depois de 27 anos na prisão. Bandidos contratados realiza-

vam atos de terror aleatórios para perturbar as negociações políticas, mas era impossível interromper o impulso em direção à liberdade. Em 1994, a primeira eleição não-racial da África do Sul elegeu um partido negro para o poder. Nascia, assim, a nação arco-íris.

Agora Soweto está sendo ar-
rumada. As ruas, hoje limpas e asfaltadas, já têm nome. O lixo é retirado em caixas com rodas curiosamente chamadas de *pikit-ups* (coletadoras). Todos os domicílios estão recebendo duas árvores para serem plantadas. As altas torres de iluminação, que à noite davam a Soweto a aparência de um pátio de presídio, estão sendo substituídas. Novos *shoppings* estão surgindo, e a expansão imobiliária vem aumentando rápido.

Um pântano no centro está sendo transformado em reserva ambiental e parque, com uma rede de hotéis turísticos. A disputa ao amanhecer por um lugar nos trens ainda continua, mas frotas de microônibus também circulam em busca de passageiros. Todos sabem o código dos sinais de dedos que dizem aos motoristas aonde se quer ir. Quando quiser que o motorista pare, apenas diga: "*Short left!*" (Logo à esquerda!)

No ponto de táxis de Baragwanath, que dizem ser o maior da África, pode-se comprar qualquer coisa, de mangas maduras empilhadas e gordurosas espigas de milho a pele moída de cobra mamba negra. Lojas espalham camisetas na grama para serem vendidas

aos pedestres. As primeiras pizzaria e agência de automóveis de Soweto estão abertas. Sob um toldo montado na beira da rua, posso cortar o cabelo enquanto vejo meu carro sendo lavado.

A criminalidade é assustadora, mas está diminuindo. O índice de mortes caiu 41% em cinco anos, e a posse ilegal de armas de fogo, quase pela metade. "A pessoa precisa estar mesmo desesperada para causar problemas em Soweto", diz Patrick Molwane Lephunya, diretor regional. "Todos já tivemos violência demais, então os moradores são rápidos em soar o alarme. Quando a polícia chegar, talvez o encenqueiro já tenha recebido uma boa surra ou até sido morto, e os policiais não farão muitas perguntas."

Os problemas sociais, no entanto, são enormes. Apesar de novos remédios e mais divulgação do que nunca, o HIV/Aids está fora de controle; segundo instituições beneficentes internacionais de controle da Aids, um sul-africano em cada cinco está infectado. Comparando-se as duas principais ocasiões sociais, os enterros superaram os casamentos.

Apenas metade do povo de Soweto tem empregos formais: quase todos os jovens que serviam as mesas no restaurante onde jantei me pediram, ansiosamente, um emprego. Milhares de posseiros, com mais deles chegando todo dia, não têm casas.

Mas em Soweto, ninguém me pediu dinheiro. Não vi mendigos. As crianças se acotovelando diante de meu carro para limpar o pára-brisa nos sinais de trânsito não brigavam quando



Os sons de Soweto:
Percussionistas no quintal
(acima) e o professor de
violino Kolwane Mantu
(abaixo, à esquerda).



eu sacudia a cabeça indicando que não tinha trocado. Simplesmente sorriam e perguntavam:

– Como vai você?

– *Sharp-sharp!* (Muito bem!) – eu respondia, na gíria das ruas, ou *tsotsi taal* (no linguajar dos bandidos).

Eles enfiavam a mão pela janela mas não pegavam meu relógio e sim minha mão. Para seu divertimento, eu aprendera o aperto de mão de Soweto, uma deslizante dança de dedos que termina com um toque de polegares.

– Vai, cara! – diziam, batendo no teto quando o sinal ficava verde. – Você tem boa vibração!

M

ESMO quando a violência estava no auge, o que ajudava as pessoas a continuar vivendo era a música. Canções, e mesmo hinos, foram reescritos para disseminar mensagens ocultas de protesto. E, como os grupos étnicos não foram misturados, mas preservados na sua individualidade, a música de cada cultura manteve seu sabor exclusivo. Hoje, Soweto é um microcosmo de toda a África do Sul – e a “vibração” está em toda parte.

Do outro lado da rua do confortá-

vel hotel onde estou hospedado, um homem ostentando longas *dreadlocks* dançava o *shimmy* em uma batida *dance* ensurdecidora enquanto pendurava a roupa da família na corda. Era o *kwaito*, um *rap hip-hop* sobreposto a ritmos africanos e com letras de rua. Retumbando em alto volume em todos os carros, cozinhas e bares, é a marca da juventude de Soweto.

O poderoso jazz africano, sensual, agitado e alto, explodia pela porta aberta de uma pequena casa. Emoldurada entre duas geladeiras na cozinha, DuDuzile Sikwane, 42 anos, diminuiu a música e me envolveu em um carinhoso abraço. O vocal era formado por uma filha e seis filhos com idades de 17 a 4 anos. As músicas eram da época em que o *jazz* negro era político. “Durante anos, iríamos para a prisão só por carregar um disco com essas músicas”, contou. “Agora, com o fim da tortura, cantamos de alegria.”

Sob uma lua cheia naquela noite, os dançarinos lotavam a boate *The Rock*. Pessoas bebendo e debruçadas em volta de uma grande churrasqueira davam tapas nas minhas costas e insistiam comigo para aceitar tábuas de bifés e baldes de cerveja. O *kwaito* retumbava. O astro da televisão e cantor Loyiso “Chippa” Mangena, com suas *dreadlocks*, estalava os dedos acompanhando o ritmo. “Você percebe essa sensação positiva se infiltrando em você, quente, vibrante, rápida?”, perguntou com um sorriso. “É a vibração... Soweto canta o hoje e a África do Sul dança o amanhã.”

Quando Michael Masote foi parado pela polícia e perguntado se havia roubado o violino que carregava, foi obrigado a tocar na rua para mostrar que era o dono do instrumento. Ele criou uma orquestra de jovens, mas não sabia como regê-la. Então começou a se vestir com um macacão de zelador e se esconder na prefeitura de Johannesburg durante os ensaios dos concertos, para aprender alguma coisa. Fez arranjos de músicas para coral e de canções africanas tradicionais para orquestras jovens, principalmente o *kwela* – gíria para camburão da polícia –, música que expressa o desafio contra o *apartheid*. Agora, o cordial Masote, 65 anos, é avô de um notável aspecto da “vibração”: o amor de Soweto pelo violino.

Masote ensinou muitas crianças a tocar. Hoje seu Conservatório de Música envia músicos negros para orquestras jovens de toda a Europa. Seus alunos formados continuam a ensinar outras crianças. Quatro criaram o Quarteto de Cordas Soweto, que toca *kwela*, *gospel* e clássicos pelo mundo todo.



O EDIFÍCIO perto de uma igrejinha soava um *kwela* animado que logo me fez querer dançar. Os músicos eram 25 crianças que tocavam instrumentos doados por profissionais do mundo todo ou comprados com dinheiro arrecadado por músicos de orquestras inglesas que tocavam em estações ferroviárias. O



O pastor David Mulovhedzi e o Coro da Igreja de Jerusalém, do lado de fora da garagem onde se reúnem.

grupo musical das crianças, chamado Buskaid, é apenas um de meia dúzia de grupos de cordas em Soweto. Esses meninos de lares humildes gravaram cinco CDs e fizeram turnês pela Europa e pelos Estados Unidos. “Acho que as pessoas que encontramos em outros países pensam que vivemos na selva, com leões andando pelas ruas”, disse Keba Tlhoale, 16 anos, escondida pelo seu violoncelo. “Mas mesmo os mais sérios, que conhecem a África, se surpreendem que a gente faça tais maravilhas e viva em Soweto.”

No domingo encontrei uma pequena casa cor de pêssego com uma garagem do lado, mas não era uma garagem comum. Ao entrar, saindo da luz ofuscante do sol, me dei conta de

que ela estava repleta de gente. O pastor David Mulovhedzi, 61 anos, segurou minhas mãos. “Bem-vindo à nossa Sagrada Igreja de Jerusalém”, cumprimentou.

Uma mulher robusta, vestida com uma túnica azul, emitiu uma nota, e a congregação de mais de 60 pessoas se lançou em um animado hino zulu. Jovens batendo em sacos cheios de areia marcavam o ritmo. O quente telhado de zinco tremia na explosão da música.

Eu tinha ouvido falar sobre os famosos cantores da igreja, que tinham se apresentado no aniversário de Mandela, mas, com toda aquela exuberância, não conseguia entender quem fazia parte do verdadeiro coral. “Todos”, o pastor me disse.

De centenas de corais em Soweto, ele ajudou a montar um novo grupo chamado Coral de Gospel Soweto, que recebeu críticas entusiasmadas da Austrália a Nova York. Regendo *Amazing Grace* no Festival de Edimburgo, Mulovhedzi ficou confuso ao perceber que o público permanecia quieto quando normalmente estaria dançando nos corredores entre os assentos. O que havia de errado? “Olhei em volta e vi um mar de lenços”, lembra. “As pessoas estavam chorando.”

Uma noite eu fiz em Soweto algo que jamais ousara fazer, como um homem branco, em qualquer outra cidade africana: caminhei sozinho pelas ruas silenciosas. E passei pelo monumento onde um estudante de 10 anos, Hector Pieteron, foi morto pela polícia no primeiro dia do protesto estudantil em 1976. Parei nas pequenas casas que pertencem a Mandela e ao bispo Desmond Tutu: em nenhum outro lugar do mundo dois agraciados com o Prêmio Nobel da Paz têm imóveis na mesma rua. Apesar de os residentes de Johannesburgo viverem atrás de muros altos e com cães fero-

zes soltos no jardim, aqui não vi nenhum muro que não pudesse ser pulado em dez segundos. Não que isso tivesse importância, uma vez que todos os portões são deixados invariavelmente abertos.

Saudado por dois policiais de folga que conversavam na estrada – um estivera treinando um time jovem de futebol; o outro, fazendo dança de salão –, perguntei sobre essa falta de segurança. “Não precisamos disso”, garantiu um deles. “Soweto não é uma prisão urbana. Aqui estamos seguros.” Uma mulher que passava, de semblante alegre, me perguntou:

– Você não tem medo de andar por Soweto?

– E deveria ter?... – perguntei.

– Claro que não! – afirmou, orgulhosa. – Todos estão sorrindo.

E a mulher estava certa. Sorrisos tímidos vieram de um casal que, com um bebê, aproveitava o luar do lado de fora do portão. “E então? Está vendo como a África é legal?”, disseram.

Eu não poderia ter expressado melhor. Essa era a nova “vibração” de Soweto – um espírito de luta e de esperança.



NO LUGAR CERTO

Depois de esperar uma eternidade na fila de uma loja de departamentos que estava oferecendo uma cortesia, resmunguei:

– Não é nenhuma cortesia fazer a gente esperar tanto tempo na fila.

A mulher à minha frente concordou.

– Se eu quisesse ser ignorada assim, teria ficado em casa com meus filhos adolescentes! DAWN HOLBROOK, EUA



Receba as frases no seu celular!

Envie uma mensagem com o texto **ASPAS** para **54842** (Oi, Brt e CTBC) ou **46921** (VIVO).

R\$ 0,10 por mensagem. Até 2 mensagens por dia. Para cancelar envie DESL ASPAS.



ENTRE ASPAS®

Dizem que os casamentos são feitos no céu. Raios e trovões também.

Citado por CLINT EASTWOOD



Gosto de manter essa criança viva dentro de mim. Acho que a gente não precisa abandonar isso para provar nada *pra* ninguém.

KELLY KEY na Vip

Uma das melhores coisas da vida é precisarmos parar regularmente o que quer que estejamos fazendo para direcionar nossa atenção para a comida.

LUCIANO PAVAROTTI,
My own story (Doubleday)

Tudo o que eu faço depende de um tipo de coragem que não a física.

CACO BARCELLOS na TPM

A vida é uma montanha-russa, e você nunca sabe quando ela vai fazer uma curva.

TY PENNINGTON no TV Guide

Cabeça quente e coração frio nunca resolvem nada.

BILLY GRAHAM

Nunca deixei de dar autógrafa. Mesmo quando estou nervoso depois de perder. Ninguém tem de pagar pelo meu nervosismo.

CAFU na Playboy

O único motivo pelo qual as pessoas se perdem em seus pensamentos é o fato de este ser um território estranho.

PAUL FIX

Quem disse?

Apreendi a me importar menos com o que falam ou pensam a meu respeito.

a) Daniella Cicarelli
b) Xuxa
c) Sandy

VEJA A RESPOSTA ABAIXO

(c) Sandy na Nova

\$ Pagamos até R\$ 50 por frases de pessoas famosas contemporâneas (página 72).